Crônica

Pela primeira vez, em 2010, a crônica foi incluída entre os gêneros textuais que fazem parte da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Notícia ou texto literário? Por apresentar múltiplas facetas, mais do que um gênero textual, a crônica traz um olhar particular. Ao recortar cenas do cotidiano, o autor ilumina situações, fatos, dando-lhes destaque, atribuindo-lhes um novo sentido. O que poderia passar despercebido torna-se encantador, envolvente, surpreendente, marcante.

Ao contrário do que parece, a criação de uma crônica não é tarefa simples. Construir um sensível olhar pensante, selecionando e amarrando os detalhes, é o primeiro passo para elaborar um texto interessante que transporta o leitor para a perspectiva do escritor.

Sensações, observações, lembranças e casualidades se misturaram: nossos jovens cronistas identificaram personagens pitorescos, construíram novos sentidos para experiências cotidianas e passaram a valorizar o lugar onde vivem.

Os alunos aceitaram o desafio de trazer fragmentos da realidade e do cotidiano para serem transformados em palavra escrita.

Ao ler essas crônicas, você terá a oportunidade de conhecer um pouco do modo de ser e viver através das lentes de alunos das escolas públicas brasileiras dos quatro cantos do país.

Sumário

Crônica

138 Agradando a gregos e troianos
Giovanna Scalabrini Antunes

140 Ah! Quantas primaveras!
Bárbara Maria Carneiro da Silva

142 As cidades
Danielly Cristine Justino da Silva

143 A quadra velha
Gabriel Batista da Silva

144 Até na igreja, Evaristo?
Carlos Eduardo Silva

146 A cobrança descabelada
Maria Jéssica Carneiro

148 A Pipa, o Bispo e o Azul
Ericles da Silva Santos

150 Bar doce bar
Luana Jaques Santos

152 Beleza cega
Pedro Kennedy Oliveira de Sousa

154 Belezas da Cidade Mel
Jonas Teixeira Ignácio

156 Caminho das águas
Victória Cristina Rodrigues

158 Casos, cantos e encantos
Thamires Luiza Lemos Pratt da Silva

160 Castelo Branco agora é feira
Thamirys Lima do Amaral Silva

162 Cidade maternal
Lucas Martelli de Medeiros Silva

163 Descoberta inocente
Milene Cristina Alves Cantor

164 Distante dos olhos... e perto do coração?
Ana Laíse Rocha Ribeiro

166 Em busca da sorte
Scheila Tatiane Teider

168 Entre o céu e a terra
Stefany Ohana Cardoso dos Santos

169 Fim de jogo
Matheus da Costa Souza

170 Espetáculo
Tâmisa Schneider

172 Eu, tu, eles e nós
Sara Viviane Almeida de Oliveira

174 O afago inesperado
Caroline de Farias Couto da Silva

176 O armário
Fabrício Miguel dos Santos

178 O contador de risos
Johnatan Rodrigues Rosa

180 O galho, o suspiro e o pulo
Antônio Rafael Moraes Vidal

182 O maltrapilho
Mikaelle Stephanie Pereira Martins

184 O quadrado
Larissa Carolina Durings

185 O relógio não parou
Jéssica Fernanda Feitosa de Melo

186 O sino de história
Letícia Stasiok

188 O toque, o fascínio... o lugar
Ana Maria Cedraz Oliveira

190 Quando o amor floresce de um ipê
Taiana Cardoso Novais

192 Que barulho é esse?
Bruno Herklotz

193 Relíquias
Maria Cecília Lopes da Silva

194 Um dia diferente
Elaine Gums

196 Um nó na garganta... Um grito...
Samyla da Silva Nogueira

197 Velha casa
Jamila de Souza Azevedo

198 Viva a fila!
Diéssica dos Santos Rodrigues

200 Zumbis urbanos
Tassya Mariane da Silva

Agradando a gregos e troianos

Aluna: Giovanna Scalabrini Antunes

Moro em Maringá praticamente desde que nasci e poderia dizer que cidade mais bela não há (limpa, arborizada, poucos crimes, muitos empregos...), não fosse pela rodoviária velha maldemolida.

Há um tempo atrás a prefeitura ordenou a demolição, pois o prédio estava condenado, mas os funcionários pararam o serviço na metade (por questões políticas, quem sabe...).

Reza a lenda que em um belo dia na prefeitura um vereador iniciou a seguinte discussão:

— Senhor prefeito, acredito que aquela rodoviária não há de servir para mais nada, tanto que fiz uma pesquisa – disse o homem – e tivemos um resultado curioso.

Pegou um papel em seu bolso, desdobrou cuidadosamente e entregou ao seu superior, que falou:

— 50% da população concorda com a demolição e... 50% não?

— Exatamente.

— É complicado. Tenho que fazer alguma coisa para agradar esse povo, senão... – constatou o prefeito. — Alguém tem alguma sugestão?

Um silêncio desconfortável instalou-se na sala de reuniões. Muitos daqueles que lá se encontravam pensaram (mas não falaram) nas mais nobres ideias: "Podemos conversar com o síndico", "É melhor se entender com o juiz". Foi quando uma misteriosa voz surgiu ao fundo da sala.

— Licença – era o faxineiro. — Eu tenho uma proposta.

O senhor largou a vassoura de lado e aproximou-se dos políticos.

— Já que é o único a ter alguma ideia, diga senhor...

— José.

— Diga, senhor José.

— Pois bem – pigarreou, sentindo-se importante. — Já que metade da população quer que destrua a rodoviária e a outra metade não... Destrói só metade dela, uai! Assim todo mundo fica contente.

Se o prefeito decidiu pôr em prática a ideia do humilde faxineiro, ninguém sabe... Só sabemos que enquanto ele não der segundas ordens, continuaremos com uma rodoviária demolida pela metade "embelezando" nossa cidade.

Professora: Cecília Pope Guerra
Escola: CAP – VEM • Cidade: Maringá – PR

Ah! Quantas primaveras!

Aluna: Bárbara Maria Carneiro da Silva

Lá estava eu sentada no banco da praça. Sabe aquela praça por onde todos passam, riem um para o outro? Onde velhinhos vivem jogando baralho e irradiando simpatia a todos... onde as árvores são lindas e verdes e, após uma hora de caminhada, oferece repouso para minhas cansadas pernas!? Mas aquela não era uma praça qualquer, era a praça da minha cidade... ah, Cordeirópolis! Então, por este e por mais mil motivos, ela nunca deixará de ser especial.

Meus olhos piscaram e, de repente, refleti sobre o que seria daquela praça sem as pessoas, sem as anciãs enraizadas que carregam em cada folha que cai ao chão a esperança, sem o vento a sussurrar em meus ouvidos e solenemente bater em meus cabelos e bagunçá-los... mas, afinal, o que seria dali sem os velhinhos que todos os dias se reúnem para jogar cartas nas mesinhas construídas especialmente para eles? Conseguem imaginar isso? Quanta alegria! Que praça especial! Talvez eles estejam lá também para se encontrarem e darem um ao outro o prazer de terem um amigo e ensinarem que por mais que o tempo tenha passado a vida ainda não acabou!

Permaneci sentada sozinha e, no decorrer da reflexão, avistei uma mulher com muitas primaveras, mas não era uma senhora qualquer. Eu sentia dentro de mim que aquela dama era especial.

Ela também estava sentada sozinha do outro lado da praça, talvez reparando na natureza, nas maravilhas da vida. A coitadinha tinha os cabelos brancos, a pele enrugada, talvez não sorrisse porque não tinha seus lindos e queridos dentes, que se perderam no decorrer das estações.

Comparei aquela dama com uma linda e gigantesca árvore imponente ao lado do banco no qual eu ali estava sentada. Quanta semelhança! Aquela árvore já foi uma semente, logo depois virou um broto e, em seguida, virou uma muda, e depois virou uma pequena árvore,

e logo cresceu, e depois se transformou, e deu seus frutos, e aos poucos envelheceu, mas continuou com sua beleza esplêndida. E, a cada momento, fui tendo a certeza de que aquela senhora dava um colorido diferente àquele cenário.

Aos poucos, fui me aproximando daquela humilde senhora, até que comecei a sentir ternura por suas alvas madeixas e não deixei de notar que nós duas tínhamos muito em comum.

Fui chegando cada vez mais perto, já sentindo. Sintam que delícia! Sentei-me ao seu lado, olhei no fundo dos olhos dela e consegui a coragem para me desculpar: "Como sou distraída! Desculpe-me, vovó, estou distraída".

Professora: Edinéia Rodrigues Simões Diório
Escola: C. T. I. Jamil Abrahão Saad • Cidade: Cordeirópolis – SP

As cidades

Aluna: Danielly Cristine Justino da Silva

Caro leitor, esta crônica é sobre minha prima Maria, uma nordestina de 18 anos que sonhava morar na Cidade Maravilhosa. Não vá pensando que ela é como a personagem "Macabéa", do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, pois não é. Eu a conheço bem, conversamos muito pela internet e, nessa viagem, sou seu cúmplice.

Ao ver Maria descendo do ônibus, na rodoviária, eu era capaz de saber o que ela trazia na alma e no pensamento. Sabe aquilo que se sente quando se é criança e que quando se é adulto atinge um alto grau de plano orientado para um dado fim real?

Pois bem, ao sonho ela misturou determinação, curiosidade, devaneio e outros ingredientes. Com essa combinação, eis o que se formou: esperança, lugar fértil para continuação. Ela acreditava que só imaginar fortemente uma vida, mesmo encontrando-se noutra, o imaginado agiria lentamente sobre o destino a favor da realização.

E na minha frente, de braços abertos, estava ela à minha espera.

A caminho de minha casa, o deslumbramento dela, com as belezas naturais e arquitetônicas da cidade, era quase infantil. Quando viu a praia, seus olhos eram só encantamentos. "Tudo o que poderia existir de belo já existe, nada mais poderá ser criado, apenas revelado", disse-me, sem se deixar abstrair do mundo lá fora, que pulsava vivo e cheio de possibilidades.

Chegando à Rocinha, seus olhos a pegaram desprevenida. Era outro Rio de Janeiro – uma cidade dentro de outra. Uma cidade oculta, que os cartões-postais não mostravam. Era uma cidade viva e envergonhada de mostrar tanta força, de gente perdida e miúda, coberta de um viver mecânico e barulhento, e também de pessoas boas e conscientes.

"Pena que essas pessoas não sabem que podem, se a consciência fosse avivada pela noção das coisas ao redor." "Não lhe deram os remédios destinados a unir o homem às ideias e instituições?", perguntou-me depois de um longo silêncio. Não me pareceu que ela quisesse realmente uma resposta, por isso fiquei em silêncio a observando. Ela, sem mudar a direção de seu olhar, exclamou: "Isso aqui é um mundo, primo!" Respondi: "É o lugar onde eu vivo, onde você viverá!"

Professora: Damiana Maria de Carvalho
Escola: E. M. Pereira Passos • Cidade: Rio de Janeiro – RJ

A quadra velha

Aluno: Gabriel Batista da Silva

Aqui no lugar onde vivo não tem cinema, *lan house*, discoteca... aqui tem cavalo, rio, cachoeira, gente que conta histórias... E, acima de tudo, aqui tem uma quadra. Uma quadra velha. Velha e pequena, só tem espaço para seis jogadores de cada lado. Uma quadra velha e pequena onde cabe inteira a nossa imensa alegria.

Ali a bola rola, enrola, rebola, embola, solta, samba, sapateia... Ali vale tocar a bola de chuteira, de chinelo ou de pé no chão. Ali vale jogar menino, menina, velho, magrela e gordão. Vale entrar de sola, de carrinho e até de bicão. Vale arrebentar o joelho, arrancar a ponta do dedão... tem gol contra, bola murcha e bola fora.

O que importa é que quando a bola rola na quadra velha o mundo para. As árvores e as casas espiam. As pessoas que passam pela estrada de terra não resistem, param, assoviam, batem palmas. Os moleques perdem a hora que se perde no tempo. Cada pai vê em seu filho o grande craque e sonha com seu menino na seleção. Quem sabe 2014...

Ali, na quadra velha e pequena, adormece a tristeza, o cansaço, a desilusão... ali os homens se esquecem dos calos, das dívidas, das dores... ali os meninos são magos, são livres, são pássaros: transcendem, voam... Ali não tem zero, não tem senão. Só tem bola no chão. Ali eles são uma bandeira verde e amarela hasteada no sertão.

Isso, até que chega a noite escura e sombria. Ela, revestida de negro, faz arriar o sonho, despe a fantasia, cala a poesia.

Amanhã tem trabalho, tem escola. Dói o calo, o joelho incha, o moleque chora. E a quadra fica de fato velha e pequena. Fica ali, triste, silenciosa, no escuro. Fica ali à espera de que os meninos voltem logo e ressuscitem o momento mágico.

Professora: Maria Inês Resende
Escola: E. M. Crispim Bias Fortes • Cidade: Barbacena – MG

Até na igreja, Evaristo?

Aluno: Carlos Eduardo Silva

Ao lado de castanheiras, latidos de cães, choros de crianças, gritos de vendedores ambulantes... e nas casas o forte cheiro de café passado na hora anuncia o despertar de mais um dia na Vila Taquaril. Com toda a disposição, Evaristo se levanta animado, pois era um dia muito importante para seu time: jogaria pela primeira vez num amistoso.

Evaristo era a pessoa mais conhecida da Vila, morava no melhor ponto: a Praça Alegria. Por ser uma pessoa muito influente na Vila, tinha como dever participar de todos os eventos que lá aconteciam.

Como fã nº1 do seu time, o Tabajara, Evaristo era um especialista na arte do futebol, sempre fora convidado para ajudar nos treinos dos jogadores mirins, nas manhãs de domingo. Enquanto treinava os meninos, Evaristo escutou o sino da igreja dando três badaladas.

Diante dessa situação Evaristo ficou muito aflito, andava de um lado para outro, escutando o anúncio que atormentava sua cabeça.

— Atenção! Hoje haverá missa especial para os moradores às 18 horas. Contamos com a presença de todos!

"E agora? O que fazer? O jogo está marcado para o mesmo horário da missa!", pensou ele.

Religioso como ele só e fanático como ele era, não poderia deixar de participar dos dois compromissos. Assim ele teve uma grande ideia: levaria seu radinho de pilhas à igreja, sentaria no último banco e usaria uma jaqueta com capuz onde colocaria seu radinho.

A partir desse momento, a ansiedade contagiava Evaristo, que a todo momento olhava o relógio na expectativa da hora do jogo.

E as horas se foram... a noite apareceu com uma lua radiante, digna de uma missa com tom bem especial: ação de graças para os devotos e o pedido especial de Evaristo, a grande vitória do timão Tabajara.

Apesar dos olhares desconfiados das pessoas presentes à missa, Evaristo não se incomodou e colocou o seu plano em ação: assentou-se no último banco e ligou o radinho, o jogo estava começando...

À medida que o jogo esquentava as expressões faciais dele mudavam o tempo todo, não sabia se prestava atenção no padre Donizete ou no narrador do jogo, Salomão.

Tabajara estava sofrendo pressão do time adversário, o Flamengo. Seu time começou a contra-atacar, suas mãos ficaram frias e suavam desesperadamente. O atacante Peladinha estava perto do gol... e ao longe o padre se aproximava de Evaristo, notando a angústia no rosto dele. Quando o padre ia dizer a primeira palavra, surgiu um grito forte e aliviado:

— GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOL!

Todos olharam para trás e o padre Donizete perguntou:

— O que é isso, meu filho?

— GOOOL! GOOOL! – exclamou Evaristo.

— Você não pode gritar em uma igreja, senhor Evaristo!!

— Gol do Peladinha, do meu timão, o Tabajara!

— Do Tabajara? O meu Tabajara?

— Sim! O NOSSO Tabajara!

Então, os dois disseram ao mesmo tempo:

— GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOL!

Enquanto os devotos da igreja discutiam o caso, o padre e o Evaristo pegaram seus radinhos e saíram da igreja festejando a vitória do seu time.

Professora: Leda Maria Avila Silva
Escola: E. M. Santos Dumont • Cidade: Belo Horizonte – MG

A cobrança descabelada

Aluna: Maria Jéssica Carneiro

Muitas vezes situações simples como uma cobrança podem tornar-se foco de conflitos sérios e desconfortáveis. O fato aconteceu no bairro de Outra Banda, no município do Acaraú, interior do Ceará. O bairro tem esse nome porque havia um riacho, há muito tempo atrás, que cortava o centro da cidade de um povoado. Toda vez que alguém ia atravessar o riacho dizia que queria ir para a Outra Banda, daí surgiu o bairro que se desenvolveu às margens do rio Acaraú e destacou-se pelas indústrias de pescados. Atualmente é um dos bairros mais populosos da cidade.

E, com tanta gente residindo por ali, não poderia deixar de acontecer alguns espetáculos de vez em quando. Certo dia, por volta das sete da manhã, voltando da mercearia pertinho da minha casa, defrontei-me com uma mulher de face visivelmente perturbada que caminhava de um lado para outro à espera de alguém. De súbito ela avistou quem procurava. Era a vizinha da frente. Imediatamente, dirigiu-se a ela e disse:

— Pague o que me deve. Comprou tem que pagar.

— Não tenho o seu dinheiro agora! Vá embora! – respondeu a vizinha devedora.

Então, sem muita conversa, a mulher foi embora, mas avisou-a com os olhos cheios de raiva de que voltaria para pegar o que era seu e não esperaria mais nenhum dia.

Presenciei a cena, intrigada, mas não dei muita importância. Passou e acreditei que tudo teria acabado, porém, por volta do meio-dia, saboreando um gostoso camurupim, peixe típico dessa região praiana, quase me engasguei com uma espinha, tamanho foi o susto que tomei quando ouvi um grito, e outro e mais outro. Estranhei, visto que não era comum, até então, ouvirem-se gritos na rua, ainda mais naquele horário. Fui até a porta e um tumulto que se formara na rua aguçou a minha curiosidade. Saí e cheguei mais perto para verificar o que ocorria. Eram as duas mulheres, cobradora e devedora, que discutiam

com ferocidade. Aos poucos, as pessoas saíam de suas casas para ver o que estava acontecendo. As palavras que pronunciavam eram cada vez mais fortes e pesadas e ambas pouco se importavam com as crianças que ali estavam. Na realidade, elas só queriam acertar as suas contas. Como já era de esperar, as duas engalfinharam-se no meio da rua. Uma puxava o cabelo da outra com tanta selvageria que nem dava mais para perceber quem era quem. A multidão que se formara ao redor das duas apreciava atônita e imóvel aquele espetáculo de horror. Pensei comigo que Outra Banda já não era a mesma. Onde ficou a política de boa vizinhança? O público olhava, mas não fazia nada.

Por fim, depois de muito cabelo arrancado, a confusão acabou. Tudo em vão! A cobradora não recebeu o seu dinheiro e saiu do local com o orgulho ferido. A devedora, agora com fama de má pagadora, foi-se com machucados graves em sua dignidade.

O caro leitor deve ter tido a impressão de que Outra Banda é um bairro um tanto quanto agitado. Entretanto, perceba que cobranças acontecem diariamente e em todos os lugares. O diferencial está na forma como ela é feita. Neste caso, a cobradora pouco paciente e a devedora inadimplente criaram um cenário conflitante que modificou o ambiente de Outra Banda. Espero que não aconteçam outros fatos assim novamente, mas, só para garantir os meus cabelos, peço-lhes licença para ir à mercearia pagar uma conta antiga.

Professora: Mirele Maria Rodrigues da Silva
Escola: E. E. F. Professora Francisca Silveira Gomes • Cidade: Acaraú – CE

A Pipa, o Bispo e o Azul

Aluno: Ericles da Silva Santos

Ouvi barulho e vozes crescentes, um zum-zum-zum empesteava o assentamento onde moro. Quanto mais pedalava, mais me embrenhava num corre-corre alucinado: meninos, mulheres, todos corriam para a frente do barracão. Que enxame é esse? Que cabrunco está acontecendo?

Era o Pipa! De novo o Pipa? Dessa vez ele tinha ido longe demais. Estava no alto do pau de sebo, quase pendurado no topo. Aquele mastro tinha sido colocado ali dois dias antes. A festa ia acontecer no final de semana: algodão-doce, corrida de ovo e pau de sebo.

"Desce daí, seu doido!" Uns jogavam areia, pedras...

O Pipa era mestre na arte de fazer papagaio. Quando não estava na roça ajudando os pais, estava viajando nas asas das pipas. Ele se isolava. Dizia que gostava da solidão. Solidão a três: ele, a pipa e a imaginação... Logo eram seis e depois eram muitos...

Era diferente. Era mesmo feio. Chamava-o de louco. Particularmente, ele tinha algo que me fascinava. Vez em quando soltava um sorriso azul.

O artista de caçar passarinho e criar pipas estudava comigo, e na mesma sala. Outro dia, na escola, o professor falou do filho mais ilustre da nossa cidade: Arthur Bispo do Rosário. Um misto de desapego e curiosidade tomou conta da turma. Pipa foi um dos que deram uma chance ao professor. Ouviu tudo atentamente. O professor falou da importância de a gente incorporar o Bispo como elemento nosso. Ele lhe disse que somos conterrâneos do homem e desconhecíamos sua obra, o seu valor, a sua história. "As pessoas passam pela estátua do Bispo, na entrada da cidade, e falam mal, e como falam mal: louco, preto, feio e pobre".

Então ele nos pediu que acrescentássemos a palavra "gênio".

— Gênio?

Aí o Pipa gritou: "Louco, preto, feio, pobre e gênio!" E riu! Riu tanto que tumultuou a aula. Subiu na carteira e foi só presepada, muganga. Imitava o Bispo do Rosário, com altas doses de esquizofrenia.

"Quer levar um sopapo, menino? Está ficando mais besta ainda. Deve ser a escola! Já disse que Jamerson nunca foi bom da cabeça. E está piorando!", gritava o pai, meio desesperado.

"Não ligo, não! Sei que não sou gênio, mas sinto dentro de mim que sou diferente, que vejo muito diferente dos meus irmãos. Eles não me perdoam por isso. Só minha mãe. Ela é a minha Nossa Senhora, sempre generosa."

"Desce daí, meu filho! Você vai acabar matando sua mãe! Gente, ajude aí! Meu Pipa é sonâmbulo. Ele está é dormindo."

Quando me viu no meio da multidão, fez cara de súplica. Não me fiz de rogado! Joguei a bicicleta e desbravei aquele pau de sebo. Não tive dificuldade. Aquele mastro já me conhecia. Agarrei o meu amigo pela cintura, a multidão uivou, berrou, decepcionada.

Parecia um anjo de olhos cerrados. Tremia os lábios, soltava gaitados. Na mão esquerda uma pipa azul. Resmungou. Abraçou-me. "Quem é que está aí? Qual é a cor da minha aura?"

Professor: Luciano Acciole Gomes
Escola: E. M. Vereador João Prado • Cidade: Japaratuba – SE

Bar doce bar

Aluna: Luana Jaques Santos

O dia é incansável e não termina. O sol ainda resiste e tinge de vermelho os olhos de quem ficou no boteco o dia todo. O bar está cheio de homens, a maioria maduros ou apenas envelhecidos. Uma criança passa, compra duas balinhas e vai embora. Mulheres só passam o olho lá dentro e quase nunca entram. Para os bêbados de plantão tudo é normal e sempre igual.

Não sei se são notados. Penso que só por alguns. Há aqueles que os cumprimentam. As pessoas se acostumam a vê-los sempre ali, cartas marcadas, vidas marcadas. São os ex. Ex-maridos, ex-alunos, ex-trabalhadores. Agora são exilados e se tornaram excluídos.

No passeio está o Tesourão, o cachorro que fez da rua sua moradia. O bêbado, o cão, rumos perdidos e solidão.

Nossos bares... Neles os amigos se encontram, jogam conversa fora. É onde uma mãe passa e compra um lanche para o filho. Onde o retireiro toma um café fresco e saboreia um pastel quentinho.

Na praça histórica da pequena cidade os bancos estão ocupados. São funcionários públicos, lavadores, balconistas. São comerciantes, artesãos, pedreiros, motoristas. O dono da Sinuca, o bar mais antigo, enquanto vende, vai instruindo os fregueses a desenrolar papéis: INSS, inventários, exames médicos. Às vezes ganha um frango em troca. Outras, um muito obrigado. E sempre amizades. Se chega um forasteiro, dá dicas dos pontos turísticos. É um guia no balcão.

No bar do Dirceu, os aperitivos acompanham os desabafos dos bêbados. As rodas de viola dão o tom para o sol se esconder de mansinho e dar lugar à lua tímida. Especial, especiaria, som saboroso para o fim do dia.

No outro bar, o balconista é ouvido por toda a praça. Daniel, voz estrondosa. Deve ser por isso que eu também falo alto, herança dele, meu pai. Aquele jogo clássico reúne homens que cercam o balcão. Estão ansiosos demais para se sentarem. Tudo é discutido, desde o gramado sintético até o gol irregular. As cadeiras esperam pacientes para o carteado. Aconchegante, relaxante cantinho.

Cada boteco tem sua personalidade, seu carisma. Mas em dia de procissão todos eles cerram suas portas pedindo bênção ao santo. Com respeito, as pessoas enfeitam as janelas de suas casas e a banda de música embala a legião de fiéis. É bonito ver como o povo participa.

Nos bares o espaço é democrático. É onde as ideias de todo mundo são apresentadas e jogadas a todos os ouvidos. Em volta de uma mesa, todo assunto se resolve: os problemas do mundo e tudo o mais. É a filosofia do botequim. Estamos falando de uma tribuna popular. Quer debater? Pode ir lá. É política, futebol, bipolaridades. Ali é prestado serviço de comunicação: à boca pequena todos ficam por dentro das novidades. Quem chegou, quem partiu, morreu, brigou ou separou. Também eu deixo meu rastro marcado e vou a um desses bares, apanho o meu *Folha das Vertentes* e, a passos largos, volto para casa para ler a coluna do cronista, este "poeta do cotidiano".

O dia se vai assim e as portas só fecham depois de toda a cidade, tão calma, ter adormecido. E a rotina faz dali a segunda casa de muitos homens. Bar doce bar. Ele exerce papel fundamental na cidadezinha. Nele todos se tornam iguais e se unem para poder suportar a rotina do ilusório.

Professora: Maria Magali Vale Rodrigues
Escola: E. E. Coronel Xavier Chaves • Cidade: Coronel Xavier Chaves – MG

Beleza cega

Aluno: Pedro Kennedy Oliveira de Sousa

Fim de tarde. Saio da escola, satisfeito por mais um dia de aprendizado. Sigo em frente, passo por todas as avenidas, atravesso as pistas da BR-060 e me dirijo à parada para esperar o ônibus que me levará para casa.

Passam-se alguns minutos, avisto de longe o número da linha que irei pegar. Dou sinal com a mão, o ônibus para. Como de costume, está lotado. Entro, e mesmo em pé me acomodo entre os passageiros, e o motorista segue viagem.

Muita conversa tomava conta do ambiente. Porém, entre todo esse alvoroço, notava-se um som, que era, ao mesmo tempo, conhecido e estranho. Procurei descobrir de onde vinha aquele barulho. Olhei para um lado, olhei para o outro, e nada. As pessoas estão tão aglomeradas que é impossível ver algo.

O ônibus para. Descem dois passageiros. Mas ainda está muito cheio. Desisto de procurar. Abaixo a cabeça, mas continuo ouvindo todo aquele batuque, que soava no fundo do ônibus. Então imaginei: será alguma pessoa ensaiando, naquele espaço, uma apresentação? Será algum *show* em meio a todos aqueles rostos cansados e esgotados? Ou será apenas algumas pessoas brincando com o tal instrumento? A dúvida prevalecia.

Novamente o ônibus para. Cerca de quatro ou cinco pessoas descem. A parte da frente do carro já não tem muitos passageiros em pé. Pago a passagem, passo pela roleta, com a ansiedade de saber quem era o artista que viajava conosco.

Tento mais uma vez ver quem era... Impossível!

Pela terceira vez o ônibus para. Ponto movimentado, descem muitas pessoas. As que permanecem, disputam entre si os lugares vazios. O ônibus anda.

Ouço várias vozes e palmas que acompanham atentamente a batucada. Parada à vista, sei que mais pessoas irão descer, me preparo para ir ao fundão.

O ônibus para. As pessoas descem. Então, olho para a frente e me deparo com um cego tocando um pandeiro, passando toda a sua alegria ao instrumento.

Enfim, é hora de descer. Estampo um belo sorriso em meu rosto, admirando todo aquele talento. Desço do ônibus com a certeza de que a verdadeira beleza de Brasília não está apenas nas curvas de Niemeyer e sim nas pessoas que dão vida à nossa cidade.

Professora: Jane dos Santos Carrijo
Escola: Centro de Ensino Médio – 01 – CEMNB • Cidade: Núcleo Bandeirante – DF

Belezas da Cidade Mel

Aluno: Jonas Teixeira Ignácio

A cidade onde vivo é um berço de culturas, costumes diversos e belezas inigualáveis. Da nossa terra pura, doce e amendoada nascem os frutos valorosos, alimentados no seio caloroso de Içara. As pessoas vivem saciadas e ditosas aqui, na união da boa terra, no ventre quente do amor. O lugar onde vivo é alegre e luminoso, cheio de pássaros admirados pelo belíssimo canto, árvores e flores de todos os tipos, tons ou formas.

Aqui as conversas amigáveis desenrolam-se em lugares pouco inusitados e cotidianos: nos bares de esquina agitados pelo forte aroma do álcool, nas lavouras imensas que sustentam muitas famílias, nos banquinhos de praça cimentados, no frenesi das filas de ônibus e também nos deliciosos e revigorantes passeios matinais.

A bola corre solta por aqui. Menino ou menina, todos jogam com a mesma destreza, sem nenhuma distinção. O futebol, seja em campinho de areia, seja em gramado, é a paixão das nossas crianças. Vê-las correndo, dando sangue e suor pela posse da bola de gomos, é indescritível. A poeira cintilante levantada pela paixão a este objetivo pulsa firme nos corações e, de grão em grão, de sonho em sonho, decai lentamente no colo da irmã areia que conforta seu suor e suas lágrimas em seus doces e carinhosos sulcos.

No fim da partida as crianças estão com a pele melada pela combinação de terra e suor, seus cabelos emaranhados em contraste com o vento afeiçoam seus lindos rostinhos, mas mesmo sujas é notável sua alegria inabalável. E assim elas retornam para casa: ofegantes e decididas, um sorriso no rosto leve e delicado.

Quando amanhece e a brisa da noite se extingue, o trem aparece e felicita os moradores com seu apito ensurdecedor e melodioso. A fumaça brumosa deixada por ele flutua levemente até pender graciosa nos trilhos cor de mel. O café neste momento ferve e borbulha quente e úmido, como nossos corações ávidos por amor.

O suor dos dias de trabalho nas lavouras escorrega da face cansada e penetra com suavidade no solo, metamorfoseando-se lentamente no mel puro, que existe só aqui, neste lugar de encantamentos, belezas e terna magia, rotulada a cidade mais doce do Brasil.

Um dia, quem sabe, lá no futuro, quando tudo estiver completamente mudado, se possa olhar para tudo isso e sentir grandes e vãs saudades. Queira Deus que lágrimas quentes desçam dos meus olhos e salguem minha face, para que eu me recorde que nada disso foi mera ilusão. As lágrimas serão as únicas lembranças do mel puro e da terra doce, nascidas no seio da mãe Içara, que me acalentava e afagava meus medos e inseguranças, na minha pobre e frágil inocência...

Professora: Silesia Pizzeti Augustinho
Escola: E. M. E. F. Maria Arlete Bitencourt Lodetti • Cidade: Içara – SC

Caminho das águas

Aluna: Victória Cristina Rodrigues

Numa dessas tardes – e porque não impessoais – sentei-me num daqueles bancos perdidos situados na orla da cidade. Digo perdidos para causar uma emoção boba talvez. Na verdade, o que se perdeu mesmo foram meus olhos quando involuntariamente encontraram-se nas águas do Velho Chico.

Ah, o São Francisco... Opará... Velho Chico... não importa o nome, não importa onde nasceu, por onde passa, nem aonde quer que vá chegar! Tudo o que importa é a sua beleza que sempre se fez presente naquelas margens. São as histórias que ele tem para nos contar. São as rimas quase perfeitas e os versos certos e incertos que foram escritos aos seus pés, num momento de tristeza, de alegria, de loucura lúcida (sim, isso existe!), para um grande amor, um amigo distante, pelo prazer de escrever, ou até mesmo em sua homenagem. Sim, pessoas metidas a escritores, artistas e apaixonados (que fique claro: me incluo em tudo isso!) ousaram escrever versos, cantar músicas e definir o Velho Chico, que, convenhamos, não cabe em NENHUMA (assim em maiúscula mesmo) definição e racionalização.

Acho até insano e ousado da minha parte tentar enquadrá-lo, pois não há palavra nenhuma que defina a emoção que brota em nossos corações quando o sol pinta de dourado aquelas águas tão clandestinas e petulantes, que sem pedir licença cortam os Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, e separam dois povos, duas culturas: Petrolina e Juazeiro, e ainda ousam atirar-se ao mar, onde se fazem eternas.

Queria eu ter os olhos do Velho Chico para ver dona Ana das Carrancas à beira do rio construir seus sonhos todos feitos de barro... para ver a ponte levantar para as embarcações passarem... para ver os pescadores trabalharem em perfeita harmonia, e até rir daqueles que foram atormentados pelo nego d'água... para ver a mãe d'água hipnotizar os homens que por ali passam de madrugada... para ver Juazeiro crescer e minha Petrolina nascer.

As tardes sempre passam por entre meus dedos, é chegado o momento que encontro meus olhos naquelas águas cristalinas, levanto-me do banco perdido e saio caminhando a passos lentos, pois agora o que se perdeu foi o meu pensamento. Aonde ele foi parar? Nas águas do Velho Chico que vão desaguar no mar.

Professora: Jailde Maria de Sá Menezes de Oliveira
Escola: Escola de Aplicação Professora Vande de Souza Ferreira • Cidade: Petrolina – PE

Casos, cantos e encantos

Aluna: Thamires Luiza Lemos Pratt da Silva

I-ta-nha-êm. Nome indígena, significa pedra que canta. Cidade histórica, se enche de turistas nos finais de semana, férias e feriados. Fora dessas datas, é um lugar como outro, onde as pessoas estudam e trabalham.

Pois bem, em um desses dias comuns peguei o ônibus para o centro, como faço habitualmente. Atrás de mim estavam sentadas duas senhoras, em uma conversa que me pareceu bem interessante. Como a curiosidade é um dos meus defeitos, comecei a prestar atenção ao que diziam:

— Mas quem é esse Benedito Calixto, que citam no hino da cidade? – indagou uma delas.

— Não sei, será que não é aquele que criou o Poço de Anchieta?

Ah, queria poder explicar que, como o nome diz, o Pocinho de Anchieta é obra do padre Anchieta. Ele criou uma espécie de cerca de pedras no mar, que prendia os peixes quando estes eram trazidos pela maré, facilitando a pesca. Mas, ao contrário da curiosidade, intromissão não é característica minha. Voltei à conversa:

— Acredito que não. Se ele tivesse criado, provavelmente se chamaria Poço de Calixto, não acha?

— Tem razão. E esse tal de Martim Afonso?

— Parece nome de poeta. Pode ser algum escritor famoso.

Imagine só a minha situação. Nessa hora comecei a ficar agoniada, minha língua coçava de vontade de dizer às senhoras o que elas ignoravam. Se ao menos prestassem um pouco de atenção na letra do hino: "... a natureza de Calixto em tons de amor...", "Martim Afonso ancorava as caravelas...", poderiam deduzir quem eles foram. E o papo continuava:

— Ei, Benedito Calixto não é o nome daquele lugar no centro, a Casa do Olhar?

— É, sim.

— Então! Quem sabe esse Calixto não foi um oftalmologista dos bons?

Esforcei-me para segurar o riso. A essa altura o ônibus já estava na ponte que passa sobre o rio Itanhaém. Era uma noite estrelada, e as luzes das casas, clubes e da própria ponte se refletiam no rio, formando uma imagem incrível, parecida com as cidades americanas que sempre aparecem em filmes românticos.

Despertei do meu sonho poético e percebi que as senhoras ainda estavam sem saber quem eram aquelas pessoas. Uma ideia surgiu-me para resolver o problema. Escrevi rapidamente em uma folha: "Benedito Calixto – pintor itanhaense que retratou como ninguém diversas paisagens da cidade. Martim Afonso – navegador que fundou Itanhaém. Padre Anchieta – catequista que ajudou os índios da cidade no período colonial". Caso você conheça um pouco a história da minha cidade, poderá achar essas explicações simples demais, mas tente entender: eu estava sem tempo e sem uma solução melhor! Dobrei o papel e levantei-me. Dei o sinal e, assim que o ônibus parou, deixei cair o papelzinho no colo de uma das senhoras. Antes que ela pudesse dizer algo, desci rapidamente, certa de que não me perdoaria se não acabasse com aquelas dúvidas.

Olhei ao meu redor: encontrava-me na Praça Narciso de Andrade, entre a Igreja Matriz e a Casa de Câmara e Cadeia, construções necessárias para que Itanhaém fosse oficializada como cidade. Mais à frente estavam a Casa do Olhar Benedito Calixto, com suas exposições, e o Convento, uma das primeiras igrejas do Brasil. Todos esses lugares transmitem uma grande paz e enchem de orgulho os habitantes da cidade.

Benedito Calixto, Martim Afonso, Padre Anchieta... Grandes homens, grandes personalidades. Fui andando certa de que eles estão imortalizados em cada canto da cidade, pois sem eles Itanhaém não seria o mar de história e cultura que é hoje, e sim apenas outra cidade praiana...

Professora: Sandra Regina de Camargo
Escola: E. M. Professora Maria da Conceição Luz • Cidade: Itanhaém – SP

Castelo Branco agora é feira

Aluna: Thamirys Lima do Amaral Silva

O que um dia foi uma praça para os namorados, como dizem os mais antigos da cidade, é hoje um ponto de vendas para feirantes, mototáxis loucos por clientes, estacionamento de bicicletas cargueiras que ficam juntas num cantinho à beira da rua, à espera de cargas.

Por entre as folhagens da frondosa e velha árvore que vem resistindo ao tempo posso ouvir um sussurro em tom de tristeza: "O que fizeram com minha estátua que um dia foi alvo de admiração?" É a voz de Castelo Branco trazida pelo vento que logo desaparece.

Em frente à antiga Praça Castelo Branco, a feirinha vai aos poucos sendo engolida pelo barranco que insiste em levar a frente da cidade. Do outro lado do rio, que por sinal é bem estreito e de águas barrentas, estende-se uma nova "cidade", na qual, olhando daqui, posso ver a pequena escola de madeira, uma igrejinha e casas bem humildes que aumentam a cada ano. Eu me pergunto: será que nossa Eirunepé não ficaria melhor do outro lado do rio?

Na feirinha, ficam os vendedores despreocupados, porque no interior é assim: tudo muito pacato. Observo a mulher que chega, se aproxima dos jerimuns amontoados sobre a calçada e pergunta:

— Quanto custa?

Antes que o vendedor pudesse responder, um homem aparentando seus sessenta anos, usando óculos escuros e boné preto, interrompe:

— Presta, não, minha filha, esses das cascas vermelhas eu conheço, já plantei muito. O bom mesmo é esse verdinho rajado, jerimum caboclo. Já plantei de muitos tipos, mas esse vermelhinho só fiquei com ele um ano.

Não entendo como podem existir pessoas tão intrometidas, que entram a martelo.

O vendedor tentava falar algo, mas não conseguia, pois os dois não se calavam.

Olhando para o outro lado da velha praça, a mulher encontrou uma maneira de fugir do desconhecido e, fingindo se interessar pelas melancias à venda espalhadas pelo chão, foi em direção a elas e desta vez o vendedor levou a melhor, pois este era mais esperto que o primeiro.

E os mototáxis? Ah, esses estavam sentados num banco pertinho do orelhão, provavelmente à espera da ligação de um cliente. Quando o telefone tocou, eram uns por cima dos outros, correndo para ver quem atendia primeiro. Um sortudo e rápido atendeu, e adivinhe... Era engano! Os outros começaram a rir.

É, na praça é assim, todos agem com cumplicidade e ao mesmo tempo muito atentos a tudo. Lá tem monotonia, mas tem também muita concorrência. Quem é mais esperto ganha o freguês.

E a concorrência pelo cliente continua...

— Alguém pode me levar ao Conjunto Beija-Flor?

Professora: Maria de Fátima Rocha Farias
Escola: E. E. Francisca Mendes • Cidade: Eirunepé – AM

Cidade maternal

Aluno: Lucas Martelli de Medeiros Silva

Vivo no sudeste nacional, na Nova Iorque brasileira, a cidade que nunca para. Vivo na cidade de São Paulo. Durante o dia, suas estradas transformam-se em veias, cada pequeno cidadão é uma hemácia no fluxo frenético da cidade, cada edifício é uma parte do esqueleto, sua estrutura; cada janela, de cada prédio, de cada casa, faz parte de sua visão. Vejo os fios de alta voltagem fazendo ligações entre si, tal como neurônios.

À noite, um novo mundo surge, surge também uma nova cidade. Ouço na batida constante dos bailes a batida de um coração, no vento que sopra frio e sereno, sua respiração; nas sombras noturnas e na escuridão, seu lado obscuro.

A São Paulo que possui temperamento forte, cidade que, se fosse gente, seria mulher, e, como mulher, seria, ou melhor, é mãe, mãe que abriga em seu ventre filhos dos mais variados sotaques, filhos que vêm de longe, além da serra, além do mar, além do seu horizonte, além. Cidade, que além de mãe, é o romance de várias e várias pessoas, homens e mulheres, crianças ou idosos - difícil não se apaixonar por essa bela senhora. Entretanto, difícil é também não sentir dores no peito, ao ver a face triste da cidade: tristeza, morte, fome, vidas alienadas...

São Paulo, a cidade que tem uma surpresa em casa esquina, em cada beco, em cada praça, em cada rua. Que tem mil faces e mil lugares, lugares, muitas vezes, paradoxais, Édens e Tártaros dividindo o mesmo espaço, onde é comum a miséria andar lado a lado com o luxo, onde, constantemente, a humildade cruza com a soberba.

Terra da garoa, bebo do seu sangue, nado em seu olhar, respiro o seu perfume, pulso ao seu pulsar, vivo em seu fluxo que não para um segundo e, a cada novo dia, encontro um novo mundo.

Professora: Adriana da Silva Chaves
Escola: Escola Técnica Estadual Parque da Juventude • Cidade: São Paulo – SP

Descoberta inocente

Aluna: Milene Cristina Alves Cantor

A cidade ainda está acordando. O ônibus para à beira da rodovia e a criança entra pela primeira vez.

Quando o veículo entra em movimento, o pequeno ser nem tenta imaginar o que o espera, se atira imediatamente a espiar pela janela.

Estava prestes a descobrir o mundo.

Plantações ainda maiores, de todos os tipos de grãos, indústrias recém-abertas, comércio recém-chegado e gente recém-acolhida por essa terra de toda gente enchem os olhos da criança.

Está descobrindo o mundo.

Na cidade, nada de monumentos históricos ou grandes pontos turísticos, apenas pessoas trabalhando. A criança se vê confusa. Por que a maior cidade do norte, com o potencial de uma capital, tinha só pessoas trabalhando sem parar? Sem parar ao menos para dizer: — Como essa cidade cresce!

O tempo vai passando e a criança se torna homem.

À beira da rodovia o homem entra no ônibus, não mais pela primeira vez.

A vista da janela mudou. Vê plantações muito maiores, ruas cheias de lojas, grandes praças, gente andando em todo lugar.

A cidade ainda não parou para admirar sua grandiosidade, mas agora o homem já entende.

São 120.000 pessoas carregando nos ombros a tarefa de desenvolver uma cidade juntas. Assim a cidade continua crescendo, conquistando respeito nacional, exportando mais do que a agricultura pode oferecer, encantando o mundo por estar no peito de um certo "piloto voador".

Tudo isso para que essa terra continue sendo a cidade que não para de crescer, que aprende a caminhar por si própria, conquistando novos horizontes como se ainda fosse uma criança que descobre o mundo.

Professor: Sidinei de Oliveira Cardoso
Escola: E. E. Professora Edeli Mantovani • Cidade: Sinop – MT

Distante dos olhos... e perto do coração?

Aluna: Ana Laíse Rocha Ribeiro

Não se pode saber se é cômico ou trágico.

Para começar pelo nome, nome de lugar não deveria ser no diminutivo. Imagine você, se Brasil fosse Brasilzinho, o seu povo não seria heroico, bravo, seria só um povinho. E, se São Paulo fosse São Paulinho, não seria a quinta maior cidade do mundo, seria apenas uma cidadezinha qualquer.

"O que há, pois, num nome? Uma rosa com outro nome não teria igual perfume?"

Shakespeare... será que um nome é só um nome?

Um nome às vezes pode dizer tudo, veja só... Alphaville... ph... dois L... a primeira letra do alfabeto grego. Não é chique?

Pois é, Jardim Rosinha. Rosinha? Não poderia ser simplesmente Rosa, com toda a sua beleza e esplendor?

Para ir ao lugar onde eu moro é preciso passar por uma rodovia. Pense uma rodovia! É uma estrada para rodar!

Tão... Tão... Tão distante. Distante do centro da cidade, dos *shoppings*, das baladas... Dos meus amigos, da minha avó!

É preciso atravessar outro bairro para chegar até lá, um dos acessos ao meu bairro é a estrada de Pirapora. Pense... Pirapora! É de pirar só de pensar. Chácaras abandonadas de um lado, mato do outro. A qualquer momento do dia ou da noite você pode se deparar com animais pastando e revirando os lixos jogados pelas pessoas. É, animais: cavalos, vacas! Por que o espanto? Ele é tão... tão distante que o asfalto só chegou em dezembro do ano passado. Temos um mercadinho: os Irmãos Unidos, que mostra no nome que as famílias se unem para progredirem. Uma pizzaria: Big Bordas – não é só o centro que importa, as beiradas também. Há uma série de pequenos comércios, grandes conquistas, que vão passando de pai para filho. Há uma rua com nome de presidente: Getúlio Vargas. Foi o presidente que mais tempo governou o Brasil, e instituiu o salário mínimo. Salário

mínimo! Que nome! Tantas pessoas conseguem tanto com ele. O mínimo que poderia ter nesta rua é uma casa, onde eu moro. Mas é claro que há outras! Depois do asfalto tudo tem começado a melhorar.

Mas não importa a casa, se é do sonho ou não. Importa é que ela está tão... tão perto do amor, do carinho, do apoio, da compreensão, da minha família. Um irmão que quase me enlouquece, me fazendo ver o mesmo DVD diversas vezes, mas que com um sorriso me faz esquecer todos os problemas. Uma mãe que por trabalhar demais às vezes acaba sendo tão... tão estressada, mas que com um abraço resolve tudo. Um padrasto que é tão... tão trabalhador que quase não o vejo.

Não importa se você está em uma cidadezinha, em um bairrozinho, se você estuda em uma escolinha, ou se trabalha em uma empresazinha. Faça o mínimo ser o máximo fazendo com o coração.

Ah!... mas nem tudo está perdido, quando você está tão... tão distante, você pode usar o celular. Socorro! O celular não tem sinal.

Professora: Ana Paula de Souza Ponso
Escola: E. E. Parque Anhanguera • Cidade: São Paulo – SP

Em busca da sorte

Aluna: Scheila Tatiane Teider

Naquele domingo! A comunidade dos Prestes me lembrava a fábula da cigarra e da formiga: uns trabalhando, outros cantando. Era a festa do padroeiro, que acontece uma vez ao ano. Por sorte ou ajuda de Deus, estava um sol muito forte, sem risco de chuva. Eu ajudava nos preparativos da festa, era uma correria: gente pra lá e pra cá, de um lado para outro, numa euforia coletiva. Ninguém reclamava; ao contrário, todos estavam entusiasmados e ansiosos pela realização da festa.

No meio daquele vai e vem, vi uma menina andando em minha direção. Observei que era uma criança humilde, com roupas simples e um olhar triste. Já a tinha visto antes na igreja, mas não sabia seu nome. Ao chegar mais perto de mim, envergonhada, perguntou:

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Aquela pergunta me surpreendeu. Jamais pensei que uma menina tão simples quisesse ajudar. Respondi num impulso:

— Claro que sim. Você sabe vender rifa?

— É a rifa daquela bicicleta? Eu sei. — Nesse momento vi um brilho diferente em seu olhar.

Entreguei-lhe o bloco de rifas. Ela pegou e saiu correndo sem me dar tempo de perguntar-lhe o nome.

Depois de algum tempo, com a festa em pleno vapor, senti um puxão na blusa. Virei-me rápido e dei com a menina me entregando o bloco de rifas e o dinheiro. Percebi, intrigada, que ela deixou um bilhete sem vender. Agradeci-lhe e perguntei seu nome.

— Maria de Lurdes - disse ela e foi se retirando.

Não pude lhe dar atenção, pois estava trabalhando na barraca dos jogos. Com o canto do olho vi que ela saiu triste.

Quase ao final da festa, veio uma das pessoas pegar a rifa para sortear. Como faltava um bilhete para vender, resolvi comprá-lo para Maria de Lurdes, como sinal de agradecimento.

A festa foi um sucesso. Tinha gente de todas as comunidades da redondeza. Ao anoitecer, todos se reuniram no salão para o sorteio da rifa.

Uma senhora é chamada para retirar o bilhete premiado. Ao ser anunciado o nome do ganhador, me sobe um arrepio: "Maria de Lurdes". Como ninguém se apresentou para receber o prêmio, o animador chamou novamente.

Procurei em meio à multidão e vi Maria de Lurdes olhando assustada para mim. Então, fui até ela e disse:

— Você ganhou a bicicleta.

— Mas eu não comprei bilhete. Não tenho dinheiro!

— Eu comprei para você, pois ajudou muito vendendo aquela rifa. Vá receber seu prêmio, você merece!

Nesse instante, vi no rosto daquela criança o sorriso mais puro e o olhar mais sincero de agradecimento.

Professora: Josiane Lourenço
Escola: E. E. Trajano Ehlke Pires • Cidade: Lapa – PR

Entre o céu e a terra

Aluna: Stefany Ohana Cardoso dos Santos

Dizem que aquela estátua gigante fará de Sertãozinho um lugar mais famoso e frequentado por turistas. Pode até colocar o nome da cidade na previsão do tempo do *Jornal Nacional*, onde são mencionadas só as mais conhecidas. O Cristo Redentor "caipira", como já foi chamado, será mais alto que o irmão carioca. Será. Mas quando?

Olhando aquele monumento inacabado, dá para imaginar em que estaria pensando o grande Cristo que repousa ao lado de um pedestal ainda maior sobre o qual não conseguiu erguê-lo a capacidade humana. Multiplicar os pães e andar sobre as águas realmente são ações divinas.

Aqui estou, como outros, construído em local de destaque para que a homenagem seja vista ao longe. Onde me colocam sempre me torno, além de objeto de crença, motivo de orgulho para as cidades que me recebem.

Por enquanto, a única coisa que vejo à minha frente são folhas da mata que me esconde quase totalmente, mas, ao meu lado, tenho um trono e, quando estiver sobre ele, verei inteira a cidade que me foi dada para abençoar.

Aguardo o dia em que finalmente verei Sertãozinho do alto e, pairando sobre a imensidão verde dos canaviais, poderei avistar suas usinas, ouvir suas indústrias anunciando o novo dia de trabalho e sentir o cheiro do garapão trazido pelo vento.

São quase dois anos de espera. Por que adiam tanto a minha inauguração? Sei que não faltam pontos de encontro, mas eu também reunirei pessoas ao meu redor que poderão me visitar e conhecer a prosperidade da cidade que me acolhe!

O tempo mudará minha cor, seja pela fuligem negra da queimada da cana ou pelo vermelho da terra fértil, porém gostaria que me conhecessem na cor original, antes do tingimento inevitável.

Só me resta aguardar que o trabalho há tanto iniciado seja concluído e até lá continuo esperando de braços abertos a vontade de quem está de braços cruzados.

Professora: Silmara Regina Colombo
Escola: E. E. Anna Passamonti Balardin • Cidade: Sertãozinho – SP

Fim de jogo

Aluno: Matheus da Costa Souza

Ver uma partida de futebol é para mim uma alegria sem fim. Bem pertinho da minha casa tem um campo de futebol. Domingo de jogo fica um agito só. A rua pacata e calma fica repleta de carros e pessoas que vão ver o jogo. Fervilha de gente na entrada do campo. Trombetas, tambores e todos os instrumentos possíveis fazem a festa e enaltecem o simples jogo.

As pessoas que estão nas arquibancadas se agitam a cada gol, sofrem a cada bola na trave, gritam palavras absurdas contra o juiz a cada vez que ele dá uma punição contrária ao que elas queriam - nessa até a "coitada da mãe do juiz leva"! A bola rola com gosto e motivação nos pés dos onze. E lá se vai uma na rede. E o povão grita e se agita e dança e solta foguetes e toca os apitos contagiantes e os instrumentos, que levam os torcedores ao delírio. O jogo acaba. Algumas pessoas estão alegres e comemoram a vitória, outras estão tristes, alguns ficam calados e outros dizem que foi culpa do juiz ou de algum jogador desatento. Tem também aqueles que nem vão embora, ficam conversando na portaria, debatendo o resultado final.

Tudo vai voltando ao normal. Os carros vão saindo, as pessoas vão indo. Em algumas horas, a rua fica praticamente vazia e nua, e a vida para de repente. Tudo vai ficando calmo e tranquilo e os pássaros começam a cantar a melodia que embala a tarde.

E assim se vai mais um dia de futebol nessa cidadezinha.

Professora: Joana Darque de Souza Ribeiro
Escola: Colégio Estadual Professor Adalberto S. Souza • Cidade: Aurilândia – GO

Espetáculo

Aluna: Tâmisa Schneider

Leio nos jornais, vejo na TV, ouço nos rádios notícias sobre o grande Festival de Dança de Joinville, ouço que importantes personalidades vêm para dançar, se apresentar e assistir ao evento. Meu coração exulta. Alegro-me.

Penso nos sons emitidos lá no Centreventos: num minuto, o silêncio, o tum-tum do coração; a seguir, somente a música e os passos dos bailarinos no palco. No minuto seguinte, os gritos e as palmas vêm numa explosão de emoções, como o som do triunfo para eles. Vejo, na rua, a alegria e as cores que antecedem esse evento como um grande carnaval fora de época. Penso nos grandes bailarinos que, como borboletas voando no ar, livres, leves, harmoniosas, com suas cores, nos remetem a um mundo mágico, encantado, proporcionando leveza de espírito e alento à alma.

Penso no trabalho árduo das pessoas no cotidiano, nos sons das fábricas funcionando a pleno vapor, na correria para pegar um ônibus e chegar ao seu destino de todo dia e como, por instantes, nos transportamos para dentro desse mundo da dança, onde só existe a música, e você dialogando em passos que a Lua escreveu às estrelas.

Penso na cidade unida, como uma grande corrente, todos pela mesma causa: a dança.

Penso nas amizades, amores, lástimas, tristezas que afloram nesses momentos. Penso no bem que faz à cidade, tanto no nível econômico quanto no cultural, e vejo que é mais do que apenas um festival para divertir-nos, mas sim um espetáculo fascinante que nos ensina mais do que possamos imaginar.

Penso que todas as pessoas, os dançarinos, os coreógrafos têm uma história de superação para ter chegado até onde estão hoje. Penso neles como grandes pessoas que conseguiram o que queriam com grande esforço e sacrifício físico e emocional.

Penso que talvez as pessoas que estejam na cadeia ou nas ruas, se tivessem presenciado algo de tanta sensibilidade como o nosso Festival de Dança, se encantariam e poderiam saber que a vida pode ser bela, e talvez fizessem dela algo bem melhor do que é na realidade.

Penso que um espetáculo desses nunca, jamais, deveria ser perdido por alguém que tem essa oportunidade única de cultura.

Professora: Elizabeth Mendes da Silva
Escola: E. M. Valentim João da Rocha • Cidade: Joinville – SC

Eu, tu, eles e nós

Aluna: Sara Viviane Almeida de Oliveira

Não diria que esse fato é comum apenas onde moro, porque não é. Mas, em meio a essa euforia ufanista e ao otimismo em que nosso país se encontra, diria que as pessoas preferem vendar seus próprios olhos para não vê-los em qualquer lugar: tentar mantê-los, de alguma forma, escondidos em becos tétricos; ignorá-los até é muito comum. Eles não parecem importantes, mas estão sempre lá, quer você os veja, quer não.

Eu particularmente prefiro não ir a festas. Parece-me um mundo à parte comandado pelo nosso mundo, e essa junção me aterroriza. Na ocasião a que me refiro, porém, estava eu na feira promovida pelo município para comemorar sua emancipação política, a Finecap. Não me orgulho de dizer-lhes isso, mas aquela foi a primeira vez que eu notei que eles existiam. Certamente, muitos deviam ter percebido antes de mim, mas em uma festa tão importante quem se importaria com eles? A noite seria longa para todos... Para eles, principalmente.

Estava eu em uma barraquinha de sorvetes que ficava no centro da feira, próximo ao palco. Meus pais pediram uma pizza, um sorvete para mim e minha irmã, pizza novamente, mas para meu avô. Sentei em uma cadeira de ferro dobrável próxima a uma mesa amarela, já meio enferrujada, de modo que ficasse de frente para as pessoas. O vento começava a ficar frio com a chegada das altas horas, porém mais e mais pessoas chegavam conforme os ponteiros do meu relógio avançavam. Alguns olhavam os estandes, outros, como eu, ficavam com a família em barracas de lanche, enquanto a grande maioria esperava a chegada das bandas que iriam tocar. É sempre assim. Ninguém vem pelos eventos culturais, apenas para dançar até o dia seguinte.

Enquanto tomava meu sorvete e minha família conversava, passei a observar o ir e vir incansável das pessoas. Eram muito diferentes, percebia-se logo; entretanto, estavam todos vestidos com o mais apurado esmero; compraram perfumes franceses especialmente para a ocasião. Meninas de chapinha e de *jeans* muito justos, maquiagem e sempre alguma

bijuteria. Os garotos passavam conversando, com seus cabelos moicanos reluzentes pelo gel, exibindo seus tênis novos em folha. Crianças com suas roupinhas infantis recém-compradas diante da aglomeração e dos vendedores de pulseiras brilhantes, sempre de mãos dadas firmemente com seus pais. Os adultos, também elegantes, esbarravam vez por outra neles, os únicos com roupas gastas e desbotadas. Não pediam desculpas. Seguiam em frente como se não valesse a pena olhar para trás, ou mesmo para a raquítica mão estendida que pedia tantas vezes uma moeda.

Os garotos magrinhos passavam carregando sacolas repletas de latinhas de alumínio que amassavam com os pés. A tez morena era quase unânime, variando bastante nos tons. Os cabelos negros, despenteados e malcuidados, balançavam ao vento por precisarem já de corte. Alguns usavam sandálias visivelmente velhas e desgastadas. Muitos andavam de pés descalços. Carregavam no olhar inquieto contraste: a esperteza que eram obrigados a ter para sobreviver e, ao mesmo tempo, temor.

Eles eram muitos, por toda parte. Anônimos em meio a tanto garbo, procuravam meios de superar suas não poucas dificuldades, em silêncio. Não reclamavam de parecerem invisíveis.

Voltei a mim quando minha mãe me chamou para irmos assistir ao *show*. Percebi que o sorvete acabou derretendo. Não importava. Nesse momento, a minha venda acabara de cair, e se manteria assim desde que o espectro do egoísmo não voltasse a reatá-la.

Lembro-me de que no dia seguinte falei sobre todos eles a quem eu conhecia, para que também suas vendas caíssem e passassem a valorizar a existência desses que por aí vivem como se não fossem também parte de nós. Talvez, se o fantasma do egocentrismo voltar a assombrá-los, terão para combatê-lo uma certa luz denominada solidariedade, que orientaria não só eles, mas você, eu, nós.

Professora: Kaline Shirley da Silva Nascimento
Escola: E. E. Tarcísio Maia • Cidade: Pau dos Ferros – RN

O afago inesperado

Aluna: Caroline de Farias Couto da Silva

Estava sentada havia horas no banco desconfortável da Praça da República, centro de Valença, pertinho da Rua Deocleciano Gomes, onde moro. Nada me chamava a atenção. Apenas o cansaço e o sono me tomavam. Três semanas de avaliações e trabalhos escolares esculpidos na minha postura encurvada e no meu olhar caído. De súbito, o som de buzinas me fez despertar para um engarrafamento que estava acontecendo na minha frente; nada incomum: uma fileira de carros de variadas cores e diversos modelos, novos e velhos, motoristas estressados e impacientes.

Já voltando a abaixar o olhar, um garoto passa correndo em direção à rua. Passaria despercebido por mim, como tantos outros, jeito malandro, roupas velhas, pouca idade (entre oito e dez anos) e uma caixa que trazia nas mãos. Contudo, não foi assim dessa vez. Minha curiosidade feminina foi aguçada e me fez observar o que faria ele indo em direção aos carros. Parou ao lado de um veículo prata e fez sinal para que abaixassem o vidro fumê. De imediato pensei que se tratasse de um assalto, mas logo desisti da ideia, pois havia muita gente no local e era apenas uma criança.

A realidade é que a infância está bem mais curta em nosso país, principalmente para os mais pobres. Na minha cidade esse triste fato pode ser fotografado nas ruas. Mas ainda custa admitir e aceitar isso. Bom, no carro, uma senhora aparentando mais ou menos sessenta anos, aparência cativadora e rosto bondoso, perguntou com tranquilidade o que ele desejava. O garoto abriu jeitosamente a caixa e mostrou-lhe. Curiosa, me perguntei: "O que há ali dentro?" Estiquei-me um pouco e vi balas, jujubas e pirulitos. A senhora, como eu, fez uma expressão de agrado, deixando o garoto animado. Entregou algumas moedas a ele, pegou umas balas e, num gesto amável, alisou os cabelos enrolados, curtos e pretos do menino. Nesse momento, ele parecia estar no melhor de todos os lugares. Fui contagiada por aquela sensação. Em seguida, ela fechou o vidro. O menino ainda estava parado e feliz quando foi despertado por uma garotinha, também com uma caixa na mão, que o impeliu

a continuar o trabalho. Como saindo de um sonho, o menino seguiu para o próximo carro no qual havia uma jovem. Ao ver os doces, ela afirmou não ter dinheiro. Nesse momento a surpresa: "Então você passa a mão na minha cabeça?", perguntou o garoto.

A jovem ficou espantada. Novamente sons de buzinas. Ela deveria seguir, pois o semáforo deu passagem. A moça partiu. Foi-se também o menino. Ficou em mim a emoção e a consciência da carência afetiva dos meninos do lugar onde moro, meninos que, apesar de trabalharem o dia inteiro sem garantia de dinheiro, não passam horas sentados, lamentando cansaço e sono, como eu. Nesse dia aprendi que sou dramática.

Professor: José Moacir Fortes Saraiva
Escola: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia • Cidade: Valença – BA

O armário

Aluno: Fabrício Miguel dos Santos

Estava eu faminto quando chegava da escola, as mulheres mexeriqueiras da comunidade estavam todas reunidas onde, lá bem perto da minha casa, fica um lavatório comunitário. Em vários sentidos, elas lavavam roupa suja. Atentas a tudo e a todos, para saber qual assunto suas línguas afiadas iam estrear e gerar uma nova e deliciosa confusão. No momento em que cruzava a calçada, o assunto de que elas falavam mesmo era dos carros dos vizinhos e os paus d'água, sendo esses ladrões de galinha. Não era novidade o fato de os maridos de tais mulheres estarem envolvidos, isso banalizava a situação que estava sendo discutida.

De repente, em frente à casa da tia Mari, uma pequena aglomeração ganhava tamanho e com o passar do tempo aumentava a curiosidade de uma população tão viciada em cotidianos barracos. Eu, de lado, deixei o almoço, quando me impressionei com a rapidez que a turma da fofoca largou a roupa e correu atrás do que acontecera. Lambiam os beiços apressadas: qual calcanhar elas iam morder dessa vez?, pensava eu. Como bom integrante da comunidade, também fui observar o fato. Já era grande, e impossível permear na imensa confusão que se formara.

Espichavam o pescoço e falavam todas ao mesmo tempo. Fechada a porta da cozinha, aumentava mais e mais o quiproquó. Boatos instantâneos eram aprontados sem demora, o veneno esguichava e era poderoso, rendendo a todos e se fazendo envolver cada vez mais.

Tia Mari e Tia Bia são velhinhas aposentadas e moram juntas. E muito interessava os seus guardados em dinheiro.

— Terá um monte de ladrões invadindo a casa da Tia Bia?

Isso gerou um dos mais feios fuzuês que aconteceram naquele lugar. Logo a possibilidade de os pervertidos estarem lá foi descartada. Vinte foram as tentativas de ligações para a polícia, porém todos viram uma coisa que fazia desistir de tal insistência: um negócio de madeira pontiaguda que lembrava um caixão.

Começaram então a entoar cantos “veloríficos”, envolvidos em estrondosos berros.

— Tia Bia morreu!

Tão doentinha era ela que foi fácil acreditar. Mas, de repente, outro negócio novamente surpreendeu. Estava uma velha branca na porta da casa, com uma camisola também branca, e os poucos cabelos que tinha estavam arrepiados. A confusão abriu espaço e então todos puderam ver: era a “alma da Tia Bia”.

Com a mesma falsidade que começaram a chorar, a situação fizera engolir: era como quem corta cebola perto dos olhos. Em disparada, todos corriam de lá, e a confusão não custou a se dissolver entre a comunidade.

Em meio a grandes confusões – porém deliciosas – um pequeno lugar nunca teve um povo tão unido, acidentalmente merecido ser chamado de uma megafamília.

Ah, e a confusão? Tia Bia estava usando uma camisola branca que ganhara no Natal passado – um mimo do seu filho, tão viajado.

O seu velhinho e espantoso cabelo combinava com o presente.

Porém, o que tapava a paisagem era um envelhecido armário. Estava sendo trocado de lugar para dar espaço para um outro, novo. Talvez, por ser ele ultrapassado, atribuíram-lhe a qualidade de caixão.

Professora: Ana Lúcia Costa Guedes Silva
Escola: E. M. E. F. Antônio Pedro dos Santos • Cidade: São Sebastião de Lagoa de Roça – PB

O contador de risos

Aluno: Johnatan Rodrigues Rosa

A figura mistura-se ao gostoso jeito mineiro piraporense descontraído irreverente, sempre tem um no nosso dia a dia.

Morador do Bairro Sagrada Família, seu Jandiro já ganhou fama na cidade como o "contador de causos".

É só escolher uma das tardes ensolaradas debaixo de mangueiras ou no Clodoaldo que encontraremos esse exímio poeta. Isso mesmo: um poeta da terra do rio São Francisco.

Foi exatamente numa dessas tardes à sombra da mangueira que cisma em vigiar o rio que abordei a personalidade em questão, parecia adivinhar minha presença, mesmo porque somos nós, crianças, que alimentamos sua fome de inventar.

— Tá indo pro rio menino?

— Tô – freei a bicicleta com freio a chinelo.

— Uai, não acabei de ver uma baleia descendo as correntezas. – Só então olhou para mim, economizando um dos olhos. Confesso, não resisti. Encostei a bicicleta no meio-fio e esperei pelo resto da história.

É sempre assim que acontece.

Como pardal que acha comida e logo aparecem outros e depois outros... a meninada vai chegando para ouvir as histórias. E tem sempre confrontos:

— Não tem baleia no rio, não, seu Jandiro.

— Nesse tem, menino. Nesse tem tudo! Ela errou o caminho do mar porque anda mexendo o desvio do São Francisco. Então, veio parar aqui (explicação geográfica). Tem que ter muita sorte pra ver uma delas.

E continua: – Eu consertei a ponte nova que ela quebrou com a cauda. Mas tem aquela trinca lá até hoje. E na Marechal Hermes ela passou sem quebrar. Quando os surubins apareceram, eu emprestei o pente para eles pentearem a cabeleira. Esses peixes têm uma substância própria, fluzecupina (ou alguma coisa parecida), que, com o tempo, é capaz de

desenvolver cabelo (explicação científica). Eu consegui sequer um caboclo d'água porque fui sugando o oxigênio dos peixes que encontrava pelo caminho.

— E os peixes?

— Infelizmente morreram. A lanterna que ganhei tem a luz mais forte que a do sol, mas não posso mostrar. Eu troquei com o caboclo d'água numa polveira.

E antes que alguém perguntasse... o caboclo pegou a polveira de um pescador.

Nesse dia eu ouvi essa e muitas outras histórias. A maioria repetidas ou, melhor dizendo, reinventadas. Deixei o rio para depois. Pedalei para casa levando comigo o meu e os outros risos da meninada. A cada dia me convenço de como é gostoso brincar de acreditar nas lorotas do seu Jandiro e como coisas tão simples ainda encantam as crianças do lugar onde eu vivo.

Professora: Silvana Santana de Moura
Escola: E. M. Dona Rita Santos Braga • Cidade: Pirapora – MG

O galho, o suspiro e o pulo

Aluno: Antônio Rafael Moraes Vidal

Logo pela manhã acordamos com o cheirinho do café que passeia pelo meio da casa. Comemos um pedaço de pão para enganar o estômago, e nem deixamos o sol abrir os olhos direito já apanhamos a baladeira e saímos como foguetes descendo pela Rua dos Pioneiros até chegar a um caminho estreito cheio de mato, sem errar a passada para o sítio do seu Jorge, à beira do rio dos Garimpos.

O lugar é cheio de coqueiros, cajueiros e pés de manga que de tão alto quase toca o céu. De vez em quando um pé de vento nos arrasta para o rio, que nos agracia com o seu frescor. E as árvores? Ah, aquelas árvores cheias de frutas deliciosas, suculentas, de cores variadas que nos convidam para um banquete delicioso! Não demora muito para toda a molecada chegar e começar a algazarra.

De todas as brincadeiras que inventamos aquela de que mais gostamos é mesmo pega-pega e pular de galho em galho. Somos verdadeiros macacos, habilidosos e brincalhões, pulamos cheios de artimanhas sem errar o galho escolhido. Ficamos no topo das árvores e, de lá, os meninos que não conseguem subir são vistos como formiguinhas revoltadas indo de um lugar para outro. A tristeza estampada nos seus rostos mostra o descontentamento inevitável, protestos e gritos são ouvidos lá de baixo: “Assim eu não brinco!”, “Isso é covardia!”, “Fazem isso porque não conseguimos subir”.

Quando o sol começa a se pôr, com seu tom avermelhado engolindo as árvores, é o sinal para interrompermos a brincadeira. Indo embora, o quase escuro é frio e calmo, uma brisa gostosa corre entre os matos rasteiros; o barulho dos carros passando e dos pássaros do dia a recolher as suas melodias é o anúncio de que estamos em casa.

Até que o cheirinho de café gostoso sirva, mais uma vez, como despertador.

Professor: Ronaldo da Silva Santos
Escola: E. M. E. F. Duque de Caxias • Cidade: Rondon do Pará – PA

O maltrapilho

Aluna: Mikaelle Stephanie Pereira Martins

Em uma badalada loja, situada em um famoso *shopping* de Belo Horizonte, entrou um maltrapilho. Tudo parou nesse momento. O silêncio reinou, contrapondo-se à costumeira agitação entre vendedores e fregueses. Todos assistimos inertes à ousadia desse esfarrapado em cruzar a barreira entre o cá e o lá, entre ricos e pobres. Que impertinência! Seria um assalto? Nosso olhar foi da incredulidade ao medo. Discretamente apertei o botão, acionando a segurança do *shopping*.

Indiferente ou alheio à nossa repugnância (talvez por estar acostumado a ela), o homem prosseguiu com seu passo arrastado. Nossa hostilidade não deteve sua ousadia. Seria um ladrão ou um louco?

Assustada, temendo o pior e vendo os nossos clientes retirarem-se um a um, me aproximei do farrapo:

— Quer alguma coisa?

Acanhado, ele sorriu um sorriso sem dentes:

— Amanhã minha filha faz quinze anos, ela sempre quis ter um vestido de festa.

Percebi que o segurança entrava na loja e fiz sinal para que ele esperasse. Afinal o sujeito já passaria pela vergonha (se é que ele a tinha) de não ter dinheiro, para que retirá-lo à força?

— Faço economias há muito tempo para isso – continuou ele humildemente, como se lesse meus pensamentos.

Resolvi mostrar alguns vestidos a ele, felizmente havia alguns em liquidação (embora esses ainda fossem muito caros!). Ele olhava um a um com os olhos brilhantes, mas não ousava tocá-los. Sorrindo seu sorriso aberto e sincero, apontou para um vestido.

— Ela vai ficar linda com esse!

Sorri também, mas agora pensando no desapontamento dele por não poder pagar o preço do vestido. Não disse nada, ele sorria tão alegremente! Tirei a nota e indiquei o caixa. Nem separei o vestido.

Mas ele pagou o vestido. E teve troco!

Eu não acreditei. Esse homem?! Nessa loja?! Quem definia lugares?

Sentimentos confusos agitaram meu ser enquanto embrulhava o vestido com um embrulho no estômago. Olhando-me com ternura, ele agradeceu sorrindo. Apenas acenei, sem conseguir sorrir.

Professora: Andréia Silva de Faria
Escola: E. M. Josefina Alves Vieira • Cidade: Vespasiano – MG

O quadrado

Aluna: Larissa Carolina Durings

Planalto do Oeste é pequenina sem ser uma cidadezinha qualquer. A vida na vila vai devagar, mas eta vida boa, meu Deus! Que o diga um lugar conhecido como "quadrado". Um frio quadrado de concreto, que fica à sombra das árvores no quadrado da praça. Em si, ele não tem graça nenhuma, afinal é apenas um quadrado, mas ele se enche de graça, riso e calor quando, nos finais de semana – durante a semana também –, o quadrado enquadra os jovens que tomam conta dele.

Ah, se o quadrado falasse... O quadrado é testemunha da gestação e nascimento de amizades guardadas a sete chaves dentro do coração e da agonia e morte de outras; testemunha de bisbilhotices inofensivas e de fofocas venenosas. Testemunha de amores que foram eternos enquanto duraram; de amores que juraram amor para sempre na igrejinha em frente à praça, ao som da *Marcha nupcial*, com imensos e vaporosos vestidos portando noiva, aias e alianças.

O quadrado assistiu e assiste ao consumo da agregadora bebida chamada tererê – nós enquadramos o "e" num acento circunflexo: tererê –, de muito refrigerante e dos nada saudáveis *chips* – mas quem resiste? –, adquiridos com o dinheiro de democráticas vaquinhas.

Quando eu estudava na escola de Planalto do Oeste, todos os dias, antes do início da aula, eu e meus amigos estávamos lá, no quadrado, para conversar, terminar trabalhos e tarefas que tínhamos "esquecido" de fazer, ou estudar para avaliação, para não sermos enquadrados num outro quadrado: o de alunos relaxados e irresponsáveis.

O quadrado de Planalto do Oeste, geometricamente, é um quadrilátero cujos lados são iguais entre si e cujos ângulos são retos, mas as figuras que nele cabem não são iguais, não cabem em nenhuma figura geométrica. São humanos sujeitos às contingências da humana condição.

Professora: Maidi Migliorança
Escola: Colégio Estadual Marechal Gaspar Dutra • Cidade: Nova Santa Rosa – PR

O relógio não parou

Aluna: Jéssica Fernanda Feitosa de Melo

Era noite, e eu aguardava o troco do analgésico que havia comprado na farmácia da esquina. De repente, ouvi aquelas duas pessoas que, pelo sotaque, reconheci que não eram da minha terra. Diziam, em tom de zombaria, que aqui o relógio parou. Quase não consegui receber o dinheiro, tamanha a minha vontade de sair de perto delas.

Cheguei em casa e percebi que continuava chateada com aqueles comentários.

É certo que é uma cidade pequena e pouco desenvolvida, mas não é por isso que tenho de aceitar alguém falar mal dela.

Todos devem ficar sabendo que os ponteiros do relógio também giram por aqui e, se não existem os *shopping centers* das grandes capitais, tem as bancas de feira e as lojinhas onde se pode encontrar belas roupas, que, se não são de última moda, vestem muito bem as "Giseles" deste lugar.

Fico aqui pensando que na minha terra o relógio não parou, só não possui um Maracanã, mas possui o Poeirão, que diverte jogadores e torcedores durante as partidas de futebol nas tardes de domingo.

As horas continuam passando nesse lugar. Só não há teatros, cinemas e boates. A cultura é passada de pai para filho pela dança do boi e pelo pagode do Zabé Fulô. A juventude também se diverte nas serestas ao ar livre.

Minha cidade não possui um Parque Ibirapuera, mas os quintais estão cheios de balanços e gangorras feitos nos galhos das goiabeiras, mangueiras e cajueiros onde a meninada faz a festa.

Aqui o relógio continua funcionando, sim! E, mesmo sem um Cristo Redentor, lá de cima do Morro da Cruz é possível vislumbrar toda a minha cidade em um só olhar.

Não, o relógio não parou, não! E já se ouve falar em minha cidade de assaltos, assassinatos e atropelamentos. Seria melhor que o relógio tivesse parado? Não sei.

Ainda há esperança e, antes que eu esqueça, você precisa saber que eu moro em Regeneração.

Professora: Leila Pereira de Araújo
Escola: E. M. ABC da Alegria • Cidade: Regeneração – PI

O sino de história

Aluna: Letícia Stasiok

É hora do sino, os galos cantam, anunciando o amanhecer. São seis da manhã, hora de levantar, ir para a escola. Viro para o lado, adormeço novamente.

Batem na porta, alguém chama:

— Está na hora de levantar, o sino já bateu.

Ah, o sino começa a bater novamente! Dessa vez com pancadas mais calmas e tão mais fortes. O coração acelera.

— Quem será dessa vez, porque a Ave-Maria já tocou. Meu Deus, será o seu José? As pancadas são fortes, o sino não para de bater, de um lado só, já dá uma angústia no peito.

— Rápido, levante, abra a janela. Menina, pergunte quem morreu.

— Ah, não! Não quero saber, tenho medo de morto, vou para a escola.

— Não vá, menina, se foi mesmo o seu José, não haverá aula, ele é muito importante para a comunidade.

Na escola, todos já estavam sabendo: era mesmo o seu José. Que pena! Homem simples, dedicado, querido por todos, honesto e colaborador, não podia morrer.

A hora passa, a sirene toca, está na hora de entrar na sala. O diretor anuncia que vamos ao velório fazer orações ao falecido, pois era avô de uma das professoras. E, então, fomos, uns à frente dos outros, sem muita vontade.

Voltamos para a sala de aula e todos comentam: — Tomara que não aconteça novamente. Aqui é assim, quando morre um, vai mais uns dois ou três, parece que um vem buscar o outro.

E assim foi. Nesta semana já é o segundo, e todos começam a ficar com muito medo, mas é uma coisa muito natural, como falam os mais velhos

Passaram-se uns dias, mais uma vez o sino bate.

— Será missa de sétimo dia?

Talvez, mas o sino novamente bate de um lado só e com pancadas fortes.

— Não acredito.

Dessa vez penso que é o seu João, ele estava doente. Que tristeza quando meu avô contava que neste lugar quando morre um, abre a porta para outro. Não acreditava, mas é verdade, vou ter que enfrentar outro velório, não tenho escolha. E o sino continua a bater...

Não há como este momento não ser o pior da vida.

Professora: Cleci Clara Obadowski Bordignon
Escola: E. E. E. M. São Roque • Cidade: Sete de Setembro – RS

O toque, o fascínio... o lugar

Aluna: Ana Maria Cedraz Oliveira

— Aonde vão?

Perguntei aos que ao meu lado estavam vendo o cavalgar ritmado, a irmandade de sons tão envolvidos uns com os outros, como eu estava com eles, naquele momento.

Presenciava a cada ano o reunir dos cavalos. O ar novo inebriava a cidade cuidadosamente, envolvendo a cada um.

— Dar-me-ia o prazer da montaria? – perguntava-me um desejo.

Andava no calor de todo dia, cortando as ruas 8 de Dezembro e Amâncio Mota. Andava na manhã tão recente, que poderia sentir o bocejo e o espreguiçar do dia. Os carros traziam gente e cada vez com mais cara de gente, na pureza de andar livre entre pessoas, num corpo singular em que a seca some e o sol se cala reprimido.

Chegando à Olavo Pinto, via sorridente a farinha e a rapadura que se vendem sozinhas, a esteira de pindoba, tecida pelas mãos mais nobres, as mesmas que tecem a vida da sexta, da feira, e, enfim, da sexta, dia de feira.

Via as mesmas senhoras acocoradas, vendendo licuri, beiju, hortaliças e tudo quanto podiam arrancar do chão.

Escorregava os olhos entre as evidências do sertão onde me encontrava. Homens vestidos de couro, certamente cavaleiros.

Mas seria? Se não era o acordeão, que já conjecturava o acontecimento...

Tudo lá parecia denunciar a marcha de cavalos, repetindo o que se deu há muitos anos, a origem da cidade e da vida daquela forma.

Os passos começam lentos, baixos, tímidos. E o que era? O que causaria aquela revolta de movimentos, para que em instantes estivessem bravios, tensos, fortes, como quem canta toda a força de uma gente? Num momento o povo para, o mundo para, a fim de que o mais

altivo instrumento toque: o berrante toca, porém não lhe direi sobre este exato momento, não poderia, não acharia em toda a minha literatura palavras queo descrevam com a fineza que ele exige. Sendo assim omito.

É o momento em que o coiteense reconhece o coiteense, incompreensível para qualquer ser que não nasceu naquela terra. E, quando nos encontramos, tornamo-nos a própria ressonância, o próprio som, entregue à flor do sisal. Mas quem resistiria?

Professora: Eugênia Mateus de Souza
Escola: E. E. Durval da Silva Pinto • Cidade: Conceição do Coité – BA

Quando o amor floresce de um ipê

Aluna: Taiana Cardoso Novais

O sol já se punha no horizonte. Chegava o crepúsculo do dia. Sentada em um dos bancos da praça, eu olhava o que restou da velha árvore – o Ipê-Amarelo – sem acreditar que ela fora desmembrada da minha e da vida de outras tantas pessoas com tanta violência. Enquanto tentava aliviar a dor em minha alma flagelada e aprisionar o choro que ameaçava escapar, perdi-me em pensamentos... Analisava o lugar onde vivo.

De maneira especial, o bairro é mais bonito com o cair da noite. Ele se metamorfoseia. Dá à cidade de Natal o ar de cidade grande que nunca teve. As luzes dos faróis dos carros refletem a agitação do cotidiano nas pessoas que por ali circulam, transformando-o num coração pulsante, derramando-se em brilho e beleza. Fervilhando de vida.

Para mim, entretanto, toda essa beleza estava morta. Meu lugar preferido fora mutilado. A pequena praça da Rua Ismael – onde moro – perdera seu maior tesouro: o Ipê. E, ali à minha frente, ela gemia, chorava, sangrava, pedia socorro. Há horas atrás, perdera o seu coração. O assassino, munido de uma serra elétrica, cortara o Ipê centenário e o levara dali. Não houve avisos. Ninguém estava preparado.

Ao meu lado, em um dos bancos órfãos, um casal de namorados fazia as pazes. Tive a impressão de que os conhecia. Decerto já os vira antes.

De repente, lembrei-me deles: meses atrás, vira-os nessa mesma praça. Lembrei-me da garota sob a sombra da frondosa árvore lendo *A Moreninha*, enquanto o garoto a observava de perto. Parecia haver encantamento naquele olhar que o impulsionou a criar coragem, suspirar e falar à garota. Depois, delicadamente, colocara uma flor de Ipê no cabelo dela, logo atrás da orelha. E a olhou nos olhos assim como Augusto fizera ao ver Carolina pela primeira vez.

Aquele olhar fora tão terno, mágico. Encantador. Muito mais encantador que o romance de Joaquim Manuel de Macedo que ela lia. A serenidade que se emanara deles envolvera-me como uma aura angelical.

Voltei dos pensamentos e reencontrei os dois sob à sombra daquela tragédia. A menina tinha nas mãos um galho da árvore que fora brutalmente arrancada, da qual pendia uma única flor:

— Vou plantá-la novamente – escutei-a falando – como um tributo ao recomeço do nosso amor.

Sorriram um para o outro.

Nesse momento, foi como se os mais belos sonhos tivessem tomado forma. A forma mais pura que pode haver: a forma do Ipê-Amarelo.

Professora: Ladmires Luiz Gomes de Carvalho
Escola: E. E. Professor José Fernandes Machado • Cidade: Natal – RN

Que barulho é esse?

Aluno: Bruno Herklotz

Seria mais uma manhã comum na pacata cidade de Campo Novo do Parecis, mas algo estava acontecendo de diferente. Eu ouvia um barulho estranho, que chegava a me assustar.

A praça estava lotada de homens, mulheres, crianças e velhos. Parecia muito mais uma rebelião, mas pela expressão de alegria não era. Isso era mais estranho ainda, pois há tempo não ocorria nada que chamasse a atenção do povo, nada mais encantava as crianças... por isso ficava a pergunta: o que estava acontecendo?

Novamente começa o barulho, parecia um apito de trem, pensei até que estava ficando louco, tendo alucinações, porque até então a cidade era pequena e não tinha ferrovia alguma.

Até que surge do além uma espécie de trem com rodas, uma "maria-fumaça" toda colorida, iluminada, tocando músicas altíssimas. Pessoas de todas as idades pagavam para andar naquela geringonça. Como era novidade, também experimentei e até que não era ruim – bem divertido por sinal.

E assim foi uma semana, era gente disputando vaga para andar no bendito trenzinho que rodava o dia inteiro pelas ruas, repleto de pessoas momentaneamente satisfeitas e felizes.

Ao final desta semana o trem já estava indo embora da cidade, com os vagões lotados, não de pessoas, mas sim de dinheiro do povo!

Professora: Elizandra Alves Pereira da Silva Souza
Escola: E. M. 4 de Julho • Cidade: Campo Novo do Parecis – MT

Relíquias

Aluna: Maria Cecília Lopes da Silva

É uma quarta-feira, entre dezessete e dezoito horas. A caminho de casa, entro numa lanchonete para tomar um suco junto do balcão. Na realidade, queria mesmo era, ao entardecer, apreciar aquela paisagem que de tão conhecida não era mais vista pelos que ali passavam cotidianamente, o rio Parnaíba. Passo a fitá-lo. Bem ao lado da feira de troca-troca um casal de namorados acaba de sentar para recolher da vida diária, talvez, a minha mesma intenção.

Diante deles e de mim há um rio em ruínas, cuja mensagem de vida, de beleza e de graça está sendo devastada pela estupidez grosseira do homem. Folhas mortas boiam sem pressa de chegar ao outro lado da sua margem. Ao tomar meu suco confiro novamente aquela paisagem e penso que a população ribeirinha, lá pelos lados do Poti Velho, deve inventar coisas para sobreviver. O rio está paralisado, mais areia que água. Daqui a alguns anos não existirá mais, e com ele vai embora o tão belo e privilegiado verde de Teresina. A cidade vai virar apenas um amontoado de concreto armado revestido de flores postiças.

Abstraído em recordações, saio da lanchonete e subo a rua calçada de pedras velhas e irregulares, coberta de asfalto, ladeada de casas velhas de paredes desbotadas. Olho para o rio, mais uma vez. Não choro. Contenho as lágrimas enquanto vou subindo pela Álvaro Mendes.

Vou devagar. Já não há nem a pressa, nem a alegria do passado.

Professora: Edna Maria Alves Teixeira de Oliveira
Escola: E. M. Joca Vieira • Cidade: Teresina – PI

Um dia diferente

Aluna: Elaine Gums

A maioria do povo de Santa Maria de Jetibá sobrevive da agricultura, principalmente do cultivo de chuchu e café.

Toda sexta-feira é a mesma coisa no Sítio Gums. Acordo cedo, troco de roupa, tomo café com minha querida família e vou junto ao chuchuzal pegar no batente.

A vista é bela, cheia de morros e vales repletos de plantação. O chuchuzal carregado de frutos é lindo de se ver. No entanto, o trabalho é árduo e cauteloso. Acha, leitor, que é fácil madrugar e entrar nessa rotina?

Pense você num dia de sol escaldante, parreira baixa de chuchu, chão liso, cheio de esterco bem fedido. Pensou? Pois bem, estava eu no chuchuzal, catando chuchu e colocando na caixa. De repente, ao dar um passo para a frente, escorreguei e só se via ouro verde rolando morro abaixo junto comigo. Digo ouro verde por causa de o preço estar em alta, geralmente no verão e inverno.

Como se não bastasse, além dos pés, sujei meu corpo todo. De vergonha, não sabia se ria ou chorava. Além disso, tive que catar o chuchu, selecioná-lo para embalar em outra caixa e aguentar aquele cheiro horrível.

Para completar a festa, meu pai gritou:

— Cuidado com o Gasparzinho, Elaine! Ele anda solto por aí...

Sei que ele falou daquele jeito, mas no fundo estava com pena de mim porque a metade da caixa foi descartada devido aos arranhões nos chuchus. Dias antes, quando espalhara o esterco, ele já havia reclamado dos abutres que aproveitavam para se alimentar do estrume e ainda estragavam as ramas novas da parreira.

Naquele dia eu não via a hora de ir para casa tomar banho, almoçar e ir à escola. Haveria outra preocupação: o fedor do estrume. Este iria provocar gozações na sala de aula e já sabe no que dá, não é? Coincidentemente era dia de interclasse na escola, por sorte escapei da zoeira.

Pois é, leitor, a vida na roça não é fácil. O lavrador só sobrevive e sustenta sua família com base numa labuta diária de muito esforço físico e força de vontade. Faça chuva ou sol, preço bom ou ruim, é preciso vencer os obstáculos e encarar a realidade de frente.

Professora: Mônica Küstes Gums
Escola: E. M. E. I. E. F. Recreio • Cidade: Santa Maria de Jetibá – ES

Um nó na garganta... Um grito...

Aluna: Samyla da Silva Nogueira

Ouço a voz da violência; escuto o barulho de um tiro... vejo pessoas gritando... fica-me o pensamento em agonia, pela aflição de imaginar: "Poderia eu ter sido atingida por uma bala à procura de um destino".

Na vida, tudo se pensa. Só não pensei que esse cenário dramático se armaria no meio do sertão, numa cidadezinha de interior que, para a violência, vendeu suas tradições pacíficas, a sua paz.

Porém, mesmo sendo atingida pela "globalização da violência", a minha cidade, em alguns aspectos, reage e consegue registrar em sua memória novos contos de amizade e práticas tradicionais de "curtição" e entretenimento.

O estranho é que até os lugares destinados a festas e confraternizações têm se transformado em palco de brigas e desassossego! E o que era "a graça de curtir a vida" virou "curtir a desgraça".

O nó na minha garganta é expressado nos versos: "Queria poder voar sem cair com um tiro na asa, pois um pássaro só canta feliz sem a gaiola, e as pessoas só vivem felizes sem a violência".

O que me conforta é olhar em volta e sentir ainda algo preservado: famílias que convivem em famílias; igrejas que ainda pregam o Cristo; clubes de diversão que divertem de verdade; a natureza resistente que, embora contaminada, insiste em florescer.

E, por último, penso: "Como é viver aqui?" Não critico nem adulo... não odeio ou idolatro. Quero apenas viver... viver feliz, mesmo com medo. Afinal, se nenhum lugar é perfeito, fico por aqui... VIVO aqui...

Professora: Sara Jane Alves de Amorim Maia
Escola: E. E. F. Zilá Zilda Carneiro • Cidade: Quixeramobim – CE

Velha casa

Aluna: Jamila de Souza Azevedo

Macapá é uma cidade linda. Praças, igarapés, linha do Equador, Marabaixo e a Fortaleza de São José. São maravilhas que encantam este lugar. Mas eis que destaco de todas as belezas, que é para mim a mais especial: minha velha casa.

Escolhi uma coisa bem simples para falar, pois é o local que considero a primeira maravilha do mundo: a minha casa, velha e histórica como só ela é. Acolhe-me ao longo de quinze anos, que para ela suponho que seja um sofrimento bem atordoado, por me aguentar por tanto tempo. Creio que as minhas pisadas fortes, em seu frágil piso de madeira, já a machucaram muito.

Descrevo a minha casinha como uma velhinha de mil rugas com suas fracas pernas a me proteger do amargo calor do sol e da violenta água da chuva.

Imagino que à noite, quando tudo está em silêncio, e eu dentro dela a vagar, ela esteja a dormir e eu a perturbá-la, escancarando suas portas e janelas para arejá-la.

Ao amanhecer, uma vez mais está suja, precisando de um banho, e a minha mãe vem gritar.

— Vai limpar a casa!

— Já vou, já vou – respondo.

Vou reclamando, resmungando. Pego o cabo da vassoura e passo a agredir minha inocente casinha, sem refletir, ainda hipnotizada pelo sono.

E, quando saio, olho para trás e vejo a bendita a sorrir, feliz por eu não estar mais ali. Mas eu irei voltar sempre.

Contudo, há um momento de paz, ela está a me guardar do sereno que a noite faz. Por isso, é com gratidão que rezo a Deus que não me tire essa velhinha, porque de tudo ela me ensina. Apesar de ser uma velha casa, jamais ela deixou sua função de lado.

Professora: Maria Cely Silva Santiago
Escola: E. E. Sebastiana Lenir de Almeida • Cidade: Macapá – AP

Viva a fila!

Aluna: Diéssica dos Santos Rodrigues

Itaíba é uma pequena vila que tem tudo o que uma pessoa precisa para viver e se sentir bem. Iniciou há quarenta anos, quando, considerada improdutiva pelo Incra, foi desapropriada e serviu para ser dividida em cento e quatro lotes para as famílias cujas terras foram invadidas pelas águas do rio Jacui, formando o Passo Real.

A vila tem igreja, escola, salão comunitário, mercado, posto de saúde (que funciona esporadicamente), um campo de futebol, uma quadra de esportes coberta, uma praça com suas quatro quadras que a cercam de ruas calçadas. E tem fila.

Aliás, como qualquer lugar que se preza tem que ter fila, fiz um estudo sobre ela para entender melhor esta daqui. Descobri que fila é sinal de progresso. Antigamente as pessoas falavam bicha, como diz no dicionário: "Fig. Fileira mais ou menos extensa de pessoas situadas uma atrás das outras; fila". Também descobri que a mais famosa do Brasil, foi a do INPS, que até recebe o nome de "fila do ENEPADECE", pela tristeza das pessoas em ter que enfrentá-la na hora da dor ou para tentar perícia ou aposentadoria.

Tem fila do banco, de cantar o hino, do caixa do supermercado, da casa lotérica, da inscrição para a busca do emprego, da distribuição de donativos ou para entrar num grande evento.

Porém, a fila daqui da nossa vila é totalmente diferente. Forma-se após o sinal do fim do período escolar do dia, em frente ã escola, na praça. Alunos de todas as sêries, em ordem, se organizam, sem a presença de adultos, sem tumulto, sem empurra-empurra, com muita simetria. Esperam o quê? Distribuição de balas? Presentes? O boletim escolar? Nada disso!

Como todos moram distantes da vila, chega a hora de irem para casa. Assim, esperam o micro-ônibus que fará esta parte. Disputam o melhor lugar, o companheiro para conversa, a janela, o banco e até o que muitas pessoas consideram como pior lugar num ônibus, o último banco, para poderem fazer mais bagunça, longe do motorista.

Para muitos alunos a viagem dura mais de uma hora. Entram nas sedes das granjas, enfrentam buracos, pneus furados, muita poeira, e em dias de chuva, com barro, emoções, com muita adrenalina. Por tudo isso, vale a pena esperar o transporte em fila. Como podemos ver, algumas filas não são enfrentadas, mas disputadas.

A bicha, por razões óbvias, modernizou-se, e acredito que em pouco tempo diremos com muito prazer: hoje filei minutos no banco! Que sorte! Todos filarão com um sorriso e satisfação por fazerem parte do progresso.

Por isso, os moradores agradecem a fila que se forma com os alunos da Escola Municipal Joaquim de Moura, na praça, quando o micro-ônibus estaciona minutos após a batida. E que o progresso se faça e que tenha fila!

Professora: Nubia Lermen
Escola: E. E. F. Joaquim de Moura • Cidade: Santa Bárbara do Sul – RS

Zumbis urbanos

Aluna: Tassya Mariane da Silva

Em uma manhã de quarta-feira, como em todas as manhãs do ano, das cinco horas às sete e meia está lá o espaço vazio, ninguém a povoá-lo. Na rua já estão algumas portas e janelas escancaradas, mostrando as verdades das famílias, outras ainda em estado de sono. Algumas casas exalam os felizes aromas de: cafés, chás, leites, cuscuz; charque, tapioca, banana cozida, banana frita, bolos, torradas. Em outras só restam os pratos e talheres para serem lavados.

Volto a minha atenção às calçadas e percebo que a essa altura do dia as pessoas já circulam na velocidade que é exigida por mais um dia de trabalho. Nesse momento, elas no máximo se cumprimentam e seguem preocupadas com a labuta diária para garantir o pão da casa. As crianças da vizinhança acompanham o ritmo da vida da estimada Rua Duque de Caxias. Parte delas caminha intrépida rumo à escola, outras são puxadas pelas mães aos berros e reclamações de que terão chamada a atenção por chegarem atrasadas. As demais, que só irão estudar em outro turno do dia, aproveitam para se agruparem para desfrutar das mais diversas atividades: afiar o papo, jogar bola na rua, jogar dominó, jogar pião, pular corda, invadir as casas dos outros para jogar *Playstation*. Essas coisas que são autorizadas para quem ainda não sente na pele a responsabilidade do sustento do lar.

O sol segue seu transcurso normal, indo do nascente ao horizonte poente, e lança sobre os telhados das singelas casas que compõem o cenário urbano os últimos raios solares de um belo entardecer.

Recolho-me à ação de olhar para a minha rua e de sobressalto perceber o sentimento que nutro por ela. Chega a ser tão forte que minha alma sangra ao pensar que um dia posso até estar longe desse pequeno chão. É um sangramento tão intenso que os pingos dariam para fazer um mar de amargura. Tranquilizo-me ao perceber que mesmo não estando mais ali levarei no coração os momentos bons deste lugar.

Percebo então que a noite se descortina com uma linda lua de outono, estrelas cintilantes que reluzem num belo céu de interior e uma brisa fria convidativa para se agasalhar. A noitinha vai caindo. Diminui o ritmo. Começa agora alguns vizinhos a se reunirem em frente à casa de Badu, um conhecido morador daqui, para pôr a prosa em dia os mais diversos assuntos e fofocas. Atê gente de outras ruas vem para aumentar a roda de conversa.

A rua é, com toda a certeza, uma das mais conhecidas de Amaraji, tanto por seus causos pitorescos quanto pelo fato de as águas do rio Amaraji a terem invadido, trazendo perdas materiais para seus moradores, mas nenhuma morte. Esse dramático acontecimento nos fez perceber o laço fraternal que os amarajienses mantêm conosco através do valioso gesto de solidariedade num momento tão doloroso de nossa vida.

Já passa de uma hora da manhã, e eles ainda estão lá, a olhar e a criticar cada um que ousa transitar por esse "torrão bendito"; parecem um bando de zumbis, penso eu. Eles falam, riem e aplaudem seus comentários. Aplausos que servem de motivação aos fifis de plantão. Queria eu ter um pouco do ar de observação daqueles que estão reunidos, não para o lado da judiação, mas para poder observar além do eu.

O relógio já marca pouco mais das quatro horas da manhã. Sinto sono e no outro dia irei estudar. Vou entrando e me recolhendo igualmente àqueles que combinaram um novo encontro, e se foram, deixando um leve silêncio da madrugada, repousando no orvalho da noite que está depositado nas calçadas. Os sorrisos vão consigo, e fico com sentimento de gozo espiritual por presenciar aqueles instantes na rua onde moro.

Professora: Maria de Fátima da Silva Moraes Souza
Escola: Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Alves de Araújo • Cidade: Amaraji – PE